

O QUE SE VÊ AO FECHAR OS OLHOS: ACESSIBILIDADES NO ESPETÁCULO SENSORIAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

MORACOS TASCHETTI¹; ALEXANDRA DIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – sr.taschetti@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – xandadias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A reelaboração de ações dentro de espetáculos da cena que podem promover acessibilidade e sensibilização para pessoas com deficiências visuais. Através de estímulos sensoriais, o espetáculo "O que se vê ao fechar os olhos" de Vanessa Corso (2023), busca explorar a percepção corporal, modificando o espaço e tempo na cena. Neste artigo irei abordar as perspectivas inclusivas para pessoas com deficiências visuais propostas por este espetáculo. Além do trabalho acadêmico de Corso (2023), irei utilizar como referencial as autoras Silva (2017), Bicca (2020) e Ferreira (ANO). Esta escrita visa dar suporte a ação de extensão do projeto Coreolab - Laboratório de estudos coreográficos que em 2024 inicia uma parceria junto a Associação Louis Braille de Pelotas. A ação envolve o desenvolvimento de oficinas de dança criadas para e com pessoas com deficiências visuais. A investigação proporcionou instrumentalização com ênfase sensorial para o desenvolvimento de oficinas com material teórico e prático para o público D.V.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir da abordagem da pesquisa sobre arte Brites e Tessler (2002). Isso auxilia na construção de uma metodologia que enfatiza o processo, se inicia no meio, como um círculo que não tem início nem fim, é contínuo. Os métodos ou procedimentos empregados eles se mesclam, contudo foram realizados: 1) momento de fruição do espetáculo "O que se vê ao fechar os olhos"¹ o qual forneceu ferramentas para a construção de oficinas e obras inclusivas; 2) estudos sobre inclusão na cena a partir do curso de "Acessibilidade Cultural"² promovido pelo Ministério da Cultura e da participação no debate "Provocações Sensíveis sobre Teatro e áudio-descrição"³; 3) pesquisa bibliográfica que teve como base principal a tese de mestrado da Vanessa Corso (2023), onde ela utiliza diário de bordo para registrar quais foram as dinâmicas, ferramentas e instruções para a construção de cenas dando ênfase nos sentidos sensoriais.

¹ Assisti ao espetáculo por duas vezes no dia 07 de agosto de 2024 no Teatro Oficina Olga Reverbel em Porto Alegre/RS. Participei da primeira seção como público-ativo e da segunda como público de forma mais convencional.

² Este curso de 20h foi promovido pelo Ministério da Cultura, Acessibilidade Cultural da ESCULT - Escola Solano Trindade de Formação e Qualificação Artística, Técnica e Cultural. Foi gratuito, sendo realizado de forma remota no ano de 2024.

³ Participei do primeiro encontro do debate "Provocações sensíveis sobre teatro e audiodescrição", promovido por Centro Brasileiro e Associação Internacional de Teatro para Infância e Juventude e Rede Internacional de Artes Inclusivas. Ocorreu em 22 de Julho de 2024 na plataforma Zoom.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O espetáculo sensorial é um tipo de obra cênica onde há a aproximação entre a performance e o público, envolve elementos cênicos e experiências que transitam na interação com a plateia. Assim, os sentidos olfativos, gustativos, táteis, visuais, promovem sensações no corpo para além da camada visual, possibilitando a criação de um novo imaginário. Segundo a São Paulo Escola de Teatro, teatro sensorial é uma modalidade de encenação idealizada para estabelecer a comunicação entre artistas e a plateia, com e sem deficiência visual⁴.

"O que se vê ao fechar os olhos" é um espetáculo criado através das sensorialidades que é resultado de um processo de pesquisa do Coletivo Íris, grupo interdisciplinar, composto por artistas da música, artes visuais e artes da cena com interesses em comum: a pesquisa em artes e tecnologia. O coletivo surge em 2022 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. O trabalho tem direção da Profª Me. Vanessa Corso que descreve o trabalho como uma instalação teatral composta por ilhas sensoriais e performances ao vivo.

"O que se vê ao fechar os olhos" é um trabalho sonoro e tátil que convida o público a uma desorientação sobre o espaço e o tempo, que propõe que o público seja parte do elenco. A seguir vou descrever minha experiência como plateia deste trabalho. Existem dois tipos de ingressos, um para participar de uma forma mais ativa do espetáculo e o outro para participar como plateia, da forma mais convencional. Eu participei do trabalho de forma mais ativa, ou seja, fui guiada pelos performers pela experiência das ilhas, então, de certa forma, me tornei também performer naquele momento. Vou nomear esse tipo de participação de público-ativo. Os performers em cena guiam o público-ativo por 7 ilhas sensoriais, contendo água, folhas, tecidos, pisos, cordas, pele que remete aos pelos de cachorros e gatos, pequenas pontes com cordas que formam uma espécie de cama de gato, carrinho de supermercado e uma gigante almofada na qual o público pode deitar ao fim do espetáculo. Dentre as ilhas, escolho escrever sobre "Soltar o Choro". Esta ilha tem uma caixa de isopor, com água e bolinhas de gel. Sobre ela há uma estrutura com inúmeros pacotes de soros que ficam abertos gotejantes. O performer convida o público-ativo a entrar dentro do isopor. De olhos fechados, ao pingar a água no meu rosto, senti como se fossem lágrimas, me fazendo lembrar de como é chorar. Isso me remeteu a uma lembrança muito íntima. Para descrevê-la, é necessário que eu me apresente. Sou uma pessoa transmaculine, tenho 22 anos, pele negra com cor de papelão, olhos castanhos, cabelos cacheados descoloridos amarelados, sobrancelhas cheias e descoloridas, altura 1,64, com poucos pêlos formando um fino bigode, com maxilar marcado pela aplicação de hormônios de testosterona, rosto com texturas de espinha e pele grossa. Na experiência na ilha "Soltar o Choro" lembrei que ao iniciar a harmonização com testosterona, as lágrimas deixaram de surgir nos meus olhos, e depois de alguns meses sem chorar, me senti aliviado. Aquela sensação que o espetáculo promoveu me conectou com uma memória de choro, soltei um sorriso por conseguir chorar no imaginário. Agradeço a Vanessa Corso

⁴ Disponível no site:

<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/o-que-e-teatro-sensorial#:~:text=Modalidade%20de%20encena%C3%A7%C3%A3o%20idealizada%20para,do%20p%C3%BAblico%20e%20praticas%20inclusivas.>

pelas lágrimas que geram alegria no meu corpo por me lembrar da sensibilidade que um corpo transmasculine negro pode sentir.

Ao decorrer do espetáculo, o público-ativo participa de ações como por exemplo a de ser carregado dentro de um carrinho de supermercado sem o sentido da visão. A experiência promove sensações diversas a partir de ferramentas que se valem de texturas, cheiros, sons, iluminação, paladar e guia através do tátil. Ao participar como público, eu criei um espaço único através da sonoridade e da áudio-descrição que é realizada no espetáculo por um de seus performers e pelo sonoplasta através de microfone aberto⁵. Observei também similaridades com as leituras que estava fazendo sobre inclusão, partindo dessa proposta sensorial. É importante ressaltar que essa obra não foi exclusivamente criada para pessoas com D.V., porém, na minha perspectiva, os aspectos dos sentidos promoveram a inclusão. Isso porque a peça dá ênfase a todos os sentidos sensoriais, exceto o da visão. Nesse sentido, percebo que ao utilizar equipamentos alternativos é possível que mais trabalhos da cena sejam realizados com acessibilidade.

Os equipamentos utilizados para a audiodescrição para espetáculos da cena são individuais e com valores altos comparados aos investimentos culturais e a devolutiva financeira da bilheteria dos espaços cênicos. No debate com Viviane Juguro, conversamos, junto a outros pesquisadores, sobre a falta de acesso a esses equipamentos e a importância de construir estratégias alternativas para que espetáculos tenham acessibilidade e sejam viáveis financeiramente. Isso é uma pauta fundamental nos debates sobre inclusão. O uso do microfone aberto para o público é uma alternativa nesse sentido, pois promove a inclusão do público com deficiências visuais e tem um custo mais baixo.

Na criação do plano de aula para as oficinas do projeto Coreolab - Laboratório de Estudos Coreográficos, esse aspecto foi considerado. Desta forma, a ideia das oficinas é criar um espaço sensorial, inspirado pelo espetáculo, que forneça a possibilidade de trabalho de educação em arte partindo da arte. Assim, ao elaborar as oficinas, destinadas ao público da Escola Louis Braille de Pelotas, penso o sistema sensorial para se criar um espaço amplo para exploração de exercícios/jogos/experiências de dança que não necessariamente precisam de aspectos visuais. Desta forma, o desejo é o de propor jogos com dinâmicas mais inclusivas e voltadas para pessoas com deficiência visual.

4. CONSIDERAÇÕES

A investigação realizada a partir do espetáculo "O que se vê ao fechar os olhos" proporcionou instrumentalização para compor o plano de aula das oficinas que serão ministradas na Escola Louis Braille. A análise do espetáculo e os materiais de estudo proporcionaram o contato com outras possibilidades de orientação no fazer artístico-pedagógico. As indicações guiadas através do sensorial podem proporcionar ferramentas para os corpos dançantes, inclusive para pessoas com todos, inclusive para pessoas com deficiências visuais.

Há transformação social do público, mas principalmente no público-ativo, pois percebo que o trabalho convida a se relacionar com o mundo de modo

⁵ Geralmente o trabalho de audiodescrição é realizado através de equipamentos individuais com fones de ouvido apenas para o público com deficiências visuais.

sensorial. Através da experiência que o espetáculo propõe, se descobre novas possibilidades de interação com pessoas, animais, com espaço e consigo mesmo. Isso gera uma mudança de espaço-tempo que pode criar um imaginário para que consigamos marcar um lugar de acessibilidade, partido das artes da cena para a sala de aula e com a comunidade.

O impacto cultural, pedagógico e de formação de público que o espetáculo "O que se vê ao fechar os olhos" oferece é a concretização de um trabalho nas artes da cena que pensa a acessibilidade a partir do sensorial em sua construção. A elaboração de atividades pedagógicas com foco no sensorial, pode criar um espaço concreto de inclusão, acessibilidade, sensível à escuta, contribuindo para a formação de público nas artes das cenas. A proposta do espetáculo e os textos estudados e cursos que realizei me influenciaram a desenvolver uma pedagogia inclusiva-sensorial. A escuta sensível me dá suporte para a construção das oficinas agora, para e com o público-alvo do projeto de extensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICCA, Maria Cristina. Arte, Inclusão e Acessibilidade: O Programa Hanna como Experiência Educativa. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 19, n. 3, 2019.

CORSO, Vanessa. **Criações sensoriais de realidade mista**. Dissertação. Mestrado em Artes Cênicas. PPGAC - UFRGS. *Porto Alegre*: 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/272004> Acesso em: 10 de out 2024.

FERREIRA, Taís. Artes da cena com crianças e professoras em tempos pandêmicos: O que pode nos ensinar uma cadela cega?. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 41, set. 2021.

BRITES, B.; TESSLER, E. (organizadoras) **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. Coleção Visualidade; 4.